A supersafra norte-americana continua pressionando o mercado

A safra 1994/95 começará em condições bem diferentes das de sua antecedente. Os EUA colherão produção inédita, Brasil e Argentina deverão exportar menos, e os preços previstos para o ano que vem são considerados muito fracos.

A atual entressafra não tem apresentado preços elevados para a soja. Com efeito, os preços do mercado interno recuaram paulatinamente durante todo o segundo semestre, sob a pressão baixista das informações provenientes do exterior. O processo de baixa originava-se nas estimativas do USDA para a grande safra norte-americana deste ano; a partir do dia 12 de outubro, também passou a ser influenciado pela reavaliação da produção e dos estoques dos EUA no ano passado. É interessante observar que, no caso dessa previsão, especificamente, os números da nova safra não tiveram tanta repercussão quanto os da anterior, que já eram considerados praticamente definitivos.

A atual colheita norte-americana foi interrompida pelas chuvas de fins de outubro. Mesmo assim, já tinham sido colhidos 74% da área, percentual bem acima dos 67% do ano passado, até àquela época, e acima da média histórica de 70%. Como os rendimentos físicos continuam elevados, alguns analistas acreditavam que o USDA voltaria a divulgar números maiores para a produtividade e a produção. Isso realmente voltou a acontecer e, em 9 de novembro, a nova estimativa superou a de outubro em 3%, considerando-se que a produção somará 68,5 milhões de toneladas.

Contudo, como a produção brasileira deste ano foi recorde, e os preços estiveram favoráveis, as exportações do complexo da soja superaram amplamente as de 1993. Nos primeiros oito meses do ano, obtiveram-se US$3,13 bilhões com as vendas externas, valor mais de 40% acima do verificado no mesmo período um ano antes. Todos os componentes do complexo venderam mais, e o destaque ficou com o óleo, que exportou, em valor, mais de 150% do que o arrecadado em janeiro/agosto do ano passado. Pode-se esperar que a receita de exportação do país com a soja venha alcançar novo recorde, em 1994, superando os US$3,6 bilhões registrados em 1989.

O bom desempenho do óleo ainda continua, pois o total dos registros de exportação, até meados de outubro, atingiu 1,4 milhão de toneladas (85% já embarcadas), o que é o dobro da média do que se exportou no qüinqüênio (718 mil toneladas). Tamanha quantidade, porém, poderá pressionar os preços do produto no mercado interno, até a entrada da próxima safra, levando a novas compras das indústrias brasileiras no exterior, para complementar a oferta local.

As importações chinesas cresceram espetacularmente

China — Balanço[1] de oferta e demanda de óleos e gorduras[2]
População e consumo *per capita* — 1991 a 1994[3]
(em milhões de toneladas)

Discriminação	1991	1992	1993	1994
Estoque inicial	1,13	1,28	1,06	0,63
Produção	7,59	8,03	8,43	8,25
Importações totais	1,98	1,50	1,52	3,35
de óleo de soja	0,32	0,22	0,08	1,10
de óleo de colza	0,28	0,19	0,15	0,61
de óleo de palma	1,21	0,87	1,12	1,44
de outros óleos	0,17	0,22	0,17	0,20
Exportações	0,20	0,15	0,29	0,41
Consumo interno	9,22	9,61	10,08	10,64
Estoque final	1,28	1,06	0,63	1,18
População (milhões de habitantes)	1.150	1.163	1.175	1.188
Consumo *per capita* (kg)	8,02	8,27	8,58	8,96

Fonte: *Oil World*.
[1] Janeiro a dezembro.
[2] Dezessete principais óleos e gorduras.
[3] Previsão.

Convém observar que, se os números do USDA para a soja em grão são baixistas, há estimativas positivas para os derivados. O maior consumo mundial das carnes bran-

cas aumenta a demanda pelo arraçoamento, o que levará a novo recorde no esmagamento mundial de soja (104 milhões de toneladas). O óleo continua enfrentando problemas de escassez no exterior, em razão dos desfalques nas produções asiáticas (China, Índia, Indonésia e Malaísia). A China, por exemplo, de acordo com informações da publicação alemã *Oil World*, absorveu os excedentes exportáveis de óleo de soja das Américas do Norte e do Sul. As exportações sul-americanas desse óleo aceleraram-se desde abril de 1994 e as do óleo de colza europeu, desde o mês de agosto último. Espera-se que os chineses comprem cerca de 3,35 milhões de toneladas de óleos e gorduras vegetais; foram 1,52 milhão de toneladas, de janeiro a dezembro de 1993, conforme é apresentado na tabela. O óleo de soja liderará as aquisições, com 1,1 milhão de toneladas (em 1993, compraram-se tão-somente 76 mil toneladas). Deste total, estima-se que 830 mil toneladas sejam provenientes do Brasil. O óleo de colza passará das 150 mil toneladas de 1993 para 610 mil toneladas, e o óleo de palma, de 1,12 milhão de toneladas para 1,44 milhão de toneladas.

O bom desenvolvimento das lavouras norte-americanas leva a sucessivas reavaliações para cima, do tamanho da safra de soja dos EUA.

A situação chinesa interessa sobremaneira aos produtores ocidentais. Em 1994, seus estoques de óleo corresponderam a apenas 75% do consumo. Para 1995, a expectativa é de que as importações chinesas diminuam, pois seus estoques voltaram a crescer. Até setembro último, as compras chinesas de óleo de soja totalizaram 2,5 milhões de toneladas. Mantida a atual fase expansiva da economia chinesa, o mercado mundial continuará contando com o apoio da demanda daquele país. No entanto, diante dos estoques que estão sendo constituídos, pode-se esperar que o governo chinês opte, em 1995, por reduzir um pouco as importações. Sua forte demanda deste ano responde pela redução dos estoques combinados de óleo de soja da Argentina, do Brasil e dos EUA, que registraram, em 1-10-1994, 400 mil toneladas abaixo do total estocado em 1-10-1993.

A ex-URSS também pode apresentar-se como um comprador importante, mas sua situação é um tanto nebulosa. Para atenuar o problema da apertada oferta interna de carne, a Rússia, por exemplo, tem aumentado bastante suas importações de carne de frango: este ano, deverão alcançar o recorde de 350 mil toneladas, o quádruplo do que foi importado entre janeiro e dezembro de 1993.

O relatório do USDA apontou que, em 1994/95, as exportações norte-americanas de soja em grão aumentarão 25%. No total mundial, o aumento será de 13%, mas o Brasil exportará 3% a menos, e a Argentina, 9% a menos. No caso do farelo, as exportações estão estimadas em mais 10% para os EUA, mais 1% para o mundo e mais 2% para os dois países sul-americanos. O óleo tem previsão de manutenção do recorde de exportações de 1993/94: 4,5 milhões de toneladas.

A previsão das cotações mostra que tendem a ficar no máximo em US$5,30/bushel (1 bushel=27,22kg), podendo subir até US$5,75/bushel em maio do próximo ano, valor 15% abaixo do registrado em maio de 1994.

Essa expectativa de menor remuneração tem afetado a conjuntura de mercado da soja brasileira, cujo plantio começou atrasado, em função da seca e do retardamento na chegada de recursos para o custeio na rede bancária. Esses problemas dificultaram a visualização das tendências de plantio, notadamente de algodão, milho e soja, em algumas regiões, pelas limitações do calendário de plantio. Qualquer que seja a definição — redução da área ou repetição do que foi plantado um ano antes — o cenário de 1994/95 difere bastante do de 1993/94. Além da supersafra norte-americana, as vendas antecipadas da nova safra mal chegam a 25% do que eram em novembro do ano passado. Também a atual situação do câmbio é diferente.

O mercado da China absorveu os excedentes exportáveis de óleo dos países americanos.

Pelo menos, tem-se como certo que o mercado interno será forte demandador de farelo e de óleo, mas nada se pode afirmar quanto ao tamanho da próxima colheita. O primeiro levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento definiu uma faixa de variação em que se situará o desenvolvimento da área plantada. Segundo a Conab, a maior produtividade física das lavouras deverá compensar reduções no plantio, onde ocorrerem. Como tem ocorrido expansão nas vendas de máquinas agrícolas e de fertilizantes, isso poderá refletir-se em maior rendimento físico médio nas plantações de soja, o que colocaria a safra mais uma vez no patamar de 24 milhões de toneladas.

No relatório do USDA de novembro, estima-se que a safra brasileira será de 23,7 milhões de toneladas, e que as exportações do grão atingirão 4,8 milhões de toneladas (contra 5,3 milhões em 1993/94). O esmagamento cairia apenas 0,5%, ficando em 18 milhões de toneladas, redução igual à da produção de farelo, que atingiria 14,15 milhões de toneladas, com exportações de 9,75 milhões de toneladas (10 milhões de toneladas, em 1993/94).

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA